

REVISTA HISTORIAR

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Professor Adjunto e Coordenador de Área do PIBID do Curso de História da Universidade Federal do Piauí/UFPI

Francisco Edmar de Lima Ferreira

Graduado em História pela Universidade Federal do Piauí e ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

O uso do jornal escolar como incentivo à leitura e à produção de textos no ensino de história

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência da produção de um Jornal Escolar durante o período de atuação de dois grupos de acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES, em duas escolas da rede estadual de educação do município de Picos – PI.

Palavras-Chave: Jornal Escolar, PIBID, História.

Abstract

This paper aims at describing the production of a School Journal during the period of performance of two academic groups in the course of Full Degree in History from the Federal University of Piauí, fellows of the Institutional Program Initiation Grant to Teaching – PIBID/CAPES, in two schools of the state of the municipality education of Picos - PI.

Keywords: Official School, PIBID, History.

Introdução

Procuramos expor neste artigo as experiências da editoração e produção de um Jornal Escolar a partir das atividades práticas e complementares do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/CAPES¹, aplicadas nas Unidades Escolares Landri Sales² e Marcos Parente³, ambas localizadas na zona urbana da cidade de Picos – Piauí.

Ressalta-se que essa proposta foi articulada pelos dois grupos de pibidianos⁴ das referidas instituições quando no momento das reuniões pedagógicas do eixo da extramonitória⁵ foi que incidiu essa ação. Nas escolas esse eixo acontece no contraturno, onde procuramos, de forma dinâmica, realizar atividades que revisem os conteúdos do mês, fazendo uso de ferramentas didáticas tais como: imagens, músicas, vídeos que estimulem a participação do aluno e contribuam para o aprendizado da História de forma crítica-reflexiva.

Continuando com essa perspectiva, de fazer os alunos pensarem criticamente a História, é que planejamos a produção de um Jornal Escolar em parceria com os discentes da Educação Básica. O objetivo principal foi divulgar as atividades pedagógicas do PIBID de História e fomentar a formação de leitores e de produtores de textos a partir do jornal com suporte motivador.

Nas próximas páginas procuraremos expor o diálogo com a teoria da produção do conhecimento histórico e da formação de leitores, a estrutura do jornal, os temas abordados e as estratégias de transformamos os alunos em protagonistas juvenis de suas experiências, oportunizando-os a registrá-las a partir do lugar social em que vivem.

¹ Para nos referenciar ao programa, daqui em diante, utilizaremos apenas a sigla PIBID.

² Os bolsistas do PIBID desta Unidade Escolar foram: Ana Beatriz de Matos, Dannyele Leal Feitosa, Francisco Edmar de Lima Ferreira, Jamilla Tenório da Silva Granja, Jéssica Lustosa Brandão, João Manoel Leal Santos, Ricardo de Moura Borges, Stefany Marquis de Barros Silva, Tássio Ernandes dos Santos, Janicléa Aparecida de Brito Mendes. Supervisionou estes alunos a professora Cleidiane Maria de Sousa.

³ Os bolsistas do PIBID desta Unidade Escolar: Antônia Leiliane de Sousa Moura, Erik de Alencar Antão de Carvalho, Felipe Oliveira Leal, Gislayne Oliveira Santana, Luana de Sousa Bezerra, Maria Francisca da Rocha Gomes, Maria Francisca de Sousa Rodrigues, Maria Lucimar da Rocha, Maurécia de Moura Cesar, Nikaelle de Oliveira Santana. Supervisionou estes alunos o professor Rubens de Lima Leal.

⁴ Daqui em diante, utilizaremos esse termo para nos referirmos aos bolsistas do PIBID.

⁵ As atuações do PIBID na Área de História nas unidades escolares organizam-se em torno de três eixos fundamentais: INTRAMONITORIA, EXTRAMONITORIA e INTERMONITORIA, contando com 10 acadêmicos bolsistas em cada unidade escolar e um professor supervisor da educação básica. Todos estão sob as orientações de um coordenador de área, docente da Instituição de Ensino Superior, neste caso a Universidade Federal do Piauí. Na INTRAMONITORIA, os pibidianos auxiliam o professor efetivo na realização de alguma prática pedagógica no horário das aulas, sempre estão acompanhados por um professor. Quanto a EXTRAMONITORIA os bolsistas são subdivididos em equipes, que no contraturno disponibilizam-se para o atendimento e acompanhamento direto aos alunos que apresentam dificuldades e/ou desejam ampliar seus conhecimentos. Das atividades realizadas neste eixo podemos citar: reforço do conteúdo abordado, orientação na resolução de exercícios, colaboração na realização de pesquisas de grupo ou individuais, etc. Na INTERMONITORIA são as ações destinadas ao planejamento de atividades do programa ou para estudos específicos entre alunos da área.

A produção textual na educação básica

O uso da linguagem dos jornais escolares como “texto livre” é capaz de estimular “a criança um poder até então impensável: o de produtor crítico de seu conhecimento e de sua mundivisão”⁶. Foi por esse viés que o grupo – professores e alunos – discutiram e aprovaram a confecção do jornal como instrumento impulsionador de debates e de formador de leitores e produtores de textos.

Para tanto, nas reuniões pedagógicas traçamos que o eixo principal dessa ação era oportunizar espaços e instrumentos que possibilitassem a leitura e a produção de textos. O próximo passo foi sensibilizá-los para conhecer a proposta e a organização das situações de aprendizagens a partir da construção do conhecimento permeado pela disciplina de História, de forma que os transformassem em sujeitos reflexivos da sua própria prática em sala de aula que, a partir de ações que levassem os alunos a interpretar a História através de uma reflexão densa e problematizadora, pois, concordando com Ilmar de Matos, a “escola já não pode pretender reproduzir uma homogeneidade, assim como os textos das aulas de história já não se ocupam com exclusividade da genealogia da nação (...)”. Assim, “como diferentes também são as indagações que nossos alunos fazem, prenhes de outras tantas inquietações”⁷ é que precisamos motivá-los para ampliar essas inquietações, mas que estas possam ser problematizadas a partir da prática e das reflexões que são demandadas no interior das aulas de Histórias. A propósito desta ação, retomemos as discussões do historiador Ilmar de Matos, quando este enfatiza que:

A aula de história como texto é criação individual e coletiva a um só tempo; criação sempre em curso, que permanentemente renova um objeto de ensino em decorrência de novas leituras, de outras experiências vividas, da chegada de novos alunos, dos encontros acadêmicos e das conversas com os colegas de ofício, do surgimento de novos manuais didáticos, das decisões emanadas das instâncias educacionais e das questões, dos desafios e das expectativas geradas pelo movimento do mundo no qual vivemos, em sua dimensão local ou global. Mas o seu renovar permanente é sobretudo o resultado da prática cotidiana do ensino-aprendizagem de nossa disciplina; e porque o professor de história disto tem consciência é que se torna possível a aula como texto⁸.

Portanto, adotando como elemento indicador e objeto de ensino, a prática da escrita pode ser evidenciada como espaço de (re) elaboração de histórias a partir dos debates gerados

⁶ Célestin Freinet apud SILVA, Anderson Lopes da; KRAUSS, Regina. **O Jornal Escolar como Campo de Estudo da Educomunicação: A Experiência Pedagógica do Jornal Educativo e do Notícias Escolares**, p. 03. Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-krauss-o-jornal-escolar-como-campo-de-estudo-da-educ...>. Acesso em 18 de maio de 2016.](http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-krauss-o-jornal-escolar-como-campo-de-estudo-da-educ...)

⁷ MATTOS, I. R. Mas não somente assim! Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de história. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 5-16, jul./dez. 2006, p. 14.

⁸ Idem, p. 14.

nas aulas que, tomadas como texto de “criação individual e coletiva”, os professores podem possibilitar aos alunos uma série de linguagens (documentários, pinturas, fotografias, etc.) para aguçar as interpretações dos alunos e fazê-los romper com as narrativas homogêneas que retratam os eventos nacionais como verdades absolutas.

A partir dessa interpretação e conscientes dos “desafios e das expectativas geradas pelo movimento do mundo no qual vivemos” é que defendemos que os professores devem buscar estratégias e ofertar para os alunos diversidades de leituras e produção de textos. Sobretudo, avaliamos que era preciso também criar espaços para registrar e divulgar essas produções que chamaremos, daqui em diante, de reflexões autorais. Logo, o jornal aparece como instrumento mobilizador para incentivar a criatividade dos alunos e, especialmente, despertá-los para uma História social do tempo presente nas aulas de História em que possam aparecer como protagonistas de suas próprias narrativas.

Para Jorge Ijuim, o jornal escolar “pode contribuir para a formação de um leitor crítico, pelo desenvolvimento de autonomias individuais e das participações comunitárias”⁹. E acrescenta que: “a produção de jornais escolares pode contribuir com o processo de humanização, para que o ensino não seja apenas reprodução de informações, mas processo que proporcione vivências humanas”¹⁰, notadamente, nesse mundo contemporâneo em que as relações sociais são efêmeras e que os alunos estão cada vez mais voltados para um presente contínuo.

Importa ainda registrar que a produção do jornal escolar dialoga com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), pois propicia cercar as “questões sociais” do mundo contemporâneo, levando os alunos ao questionamento e à reflexão, “buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais”¹¹. Com essa visão o currículo se torna flexível e favorece um debate profícuo nas diferentes realidades locais e regionais a partir dos temas que podem ser discutidos a partir dos *Temas Transversais*: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo. Isso significa que a inserção dos *Temas Transversais* na produção do jornal nos ensejou a refletir sobre o tempo presente e a levar os alunos a:

Utilizar as diferentes linguagens — verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e

⁹ IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências**: roteiro de viagem. Bauru: EDUSC; Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2005, p. 133.

¹⁰ Idem, p. 20.

¹¹ **Brasil**. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998, p. 25.

corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.¹²

Para enfrentar esses desafios e incentivar os alunos da educação básica a produzirem seus próprios textos e darem sentido à história a partir de suas próprias indagações foi necessário ensejarmos algumas intervenções. A primeira, foram as discussões levantadas nas Reuniões Pedagógicas¹³ com os pibidianos para planejarmos sobre a construção do jornal; segundo, foi eleger um nome para o jornal. Em meio aos debates ficou decidido pelo título de “Cabeça de Cuia”¹⁴; terceiro, sobre as discussões do papel desse periódico na escola; quarto, foi a socialização com os alunos da educação básica sobre a função, divulgação e elaboração do referido do jornal escolar; quinto, foi a estrutura editorial do periódico para uma publicação bimestral.

Em meio às sugestões avaliamos também as diversas possibilidades de montagem de um jornal escolar, dentre eles, destacamos: Jornal Mural, Jornal Mimeografado, Jornal Xerocado e Jornal Informatizado. Todos eles com uma enorme capacidade de alcance dentro da escola. Das quatro possibilidades, o Cabeça de Cuia reunia as características de três.

Registramos que a produção de jornal escolar não é nenhuma novidade, pois outros professores no Brasil o fazem e temos relatos de experiências riquíssimas. O que talvez possa nos diferenciar são algumas particularidades relacionadas ao fato das estratégias e do objetivo da pauta de produção cujo sentido foi sendo aplicado como instrumento para estimular os alunos a serem autores e leitores de suas próprias produções.

Em meio a esse aspecto destacamos que o jornal pode e deve ser ampliado como uma ferramenta importante na construção de metodologias de ensino-aprendizagem na área da

¹² Idem, p. 7-8.

¹³ Os pibidianos realizavam reuniões pedagógicas quinzenalmente. Na primeira semana a reunião era realizada no Laboratório de Ensino de História, cujas atividades eram gerenciadas pelo Coordenador de Área da História; na segunda semana acontecia nas unidades escolares que tinham como dinamizador dessa ação os supervisores – professores em regência de sala da unidade escolar à qual o grupo de pibidianos estava filiado. As pautas sempre estavam voltadas para as avaliações das ações pedagógicas na escola, para a elaboração de projetos de intervenção e para o planejamento de estratégias para ampliar o número de atendimentos pedagógicos dos alunos das unidades escolares. Algumas dessas ações podemos destacar: planejar e executar atividades como minicursos, micro-aulas, exibição de filmes, palestras, oficinas e projetos envolvendo habilidades intelectuais e artísticas dos alunos. Além das atividades próprias de cada eixo, os pibidianos são constantemente convidados a se fazerem presentes nas atividades gerais da escola, como semana pedagógica e cultural, planejamentos e engajamento nos demais projetos.

¹⁴ Trata-se de uma lenda do Estado do Piauí. Para detalhes sobre a lenda, ver: MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **A lenda do Cabeça-de-Cuia: estrutura narrativa e formação do sentido**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 7 - n. 1 - p. 151-160 - jan./jun. 2011.

linguagem e também como apoio para exposição de experiências pedagógicas diversas. Por outro lado, a produção do jornal não é uma tarefa fácil e isso demanda tempo, talvez seja por isso que muitos professores não o adotam como instrumento viável para a produção de conhecimento no âmbito escolar. Bem verdade que isso não é uma regra e muitos professores, conforme já tínhamos enfatizado, realizam essa prática no seu cotidiano.

Por outro lado, achamos importante implantar essa vivência nas atividades extras do PIBID, pois se considerarmos as ações desse programa como um laboratório de aprendizagem no interior das unidades escolares, ponderamos, as atividades podem tornar-se intensas e produtivas. E ao invés de sobrecarregar os professores das escolas funcionou como um aporte pedagógico potencialmente produtivo. Para tanto, nas páginas que seguem, procuraremos focar as análises na confecção dos jornais e dos alunos como produtores de suas próprias narrativas.

O processo de editoração e diagramação do jornal

Nessa etapa foram desenvolvidas diversas reuniões no interior das unidades escolares para que, alunos da educação básica e pibidianos, definissem os elementos considerados relevantes para a produção do jornal. Também foi importante a mobilização desses alunos nas salas de aulas para estimularem seus pares a produzirem as matérias e a se tornarem leitores e, posteriormente, autores de textos.

Antes, foi necessário também definirmos sobre o processo de circulação do jornal. Nesse quesito tivemos muitos problemas, pois ficamos limitados pela falta de recursos para a impressão e reprodução do jornal. A forma mais viável que concluímos foi excluir a venda do jornal, inclusive, também não buscamos patrocínio no comércio local. Na verdade, estávamos evitando que o periódico fosse visto como instrumento que estivesse ligado a uma elite comercial e que por sua tutela pudesse reivindicar espaço para as propagandas de produtos e serviços. Assim, recorreremos à forma mais simples. O jornal passou a ser impresso com recursos diminutos que se unificavam entre a escola (fornecia a impressão a jato de tinta e xerox) e coordenação geral do PIBID (que doava as folhas).

Em meio a esse impasse, nunca conseguimos uma tiragem significativa, mas o propósito, ao invés de atingir um grande público, era fazer com que o jornal circulasse dentro das unidades escolares que eram atendidas pelo PIBID, objetivo que foi alcançado.

Na editoração do jornal procuramos desenvolver atividades interdisciplinares, cujo

objetivo era trazer para dentro do jornal experiências de outras áreas do conhecimento. No entanto, houve pouco interesse dos pibidianos das outras áreas na participação desse projeto, exceto, o esforço e a disponibilidade de Alceano Bezerra – PIBID/Letras. Este ficou responsável por fazer a revisão dos jornais e também e por sensibilizar os alunos de sua área a também participarem das produções textuais.

Ainda sobre a editoração foi fundamental o envolvimento dos alunos da escola básica e dos pibidianos para a produção do jornal. Nessa fase inicial todos eram redatores e membros do conselho editorial e talvez foi isso que tornou o jornal instrumento importante de comunicação e divulgação no interior das unidades escolares. Noutro grupo também destacaram-se os alunos que atuavam na coleta das matérias e na seleção para a publicação. É bem verdade que não houve um número expressivo de alunos, mas a equipe formada por cinco alunos conseguiu mobilizar os demais discentes.

Depois de alguns meses percebemos que devíamos mudar de estratégia e decidimos que o editorial do Jornal e o grupo coletor de matérias continuariam sendo compostos por cinco membros que ficariam responsáveis pela criação dos conteúdos a partir de pautas escolhidas em reunião. A mudança se deu em relação à substituição dos alunos, no qual, a cada mês esse grupo seria renovado, dando a possibilidade para outros vivenciarem essa experiência.

Em relação à estrutura do jornal, optamos por um estilo em que o leitor pudesse perceber em cada seção informações textuais e visuais, mas também um periódico com informações diversas que expressassem temas sobre a escola, política, humor, história local, mas, designadamente, que pudessem trazer o aluno como protagonista, como sujeito potencializador de histórias e memórias. Aqui a memória é entendida como política e ação de luta em que os alunos pudessem indagar o cotidiano, as relações sociais, as políticas, as ideologias e, principalmente, terem consciência de “relacionar-se politicamente com o tempo presente”.¹⁵ Mediante essa sinalização o interior do jornal apresentava:

- **Dica de Filme:** Coluna dedicada à sugestão de filmes com temática histórica ou que tratassem de temas sociais;
- **Dica de Vídeo:** Semelhante à “Dica de Filme”, no entanto este sugere vídeos curtos disponíveis na internet;
- **Dica de Música:** Nessa coluna foram sugeridas músicas que abordassem temas que provocassem a reflexão e o despertar do senso crítico do aluno;

¹⁵ FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D’água, 2004, p. 12.

- **Dica de Leitura:** Essa foi uma das colunas que buscou interagir diretamente com os alunos, pois oportunizou que os mesmos escrevessem resumos de obras diversas;
- **Destaque:** Aqui, o aluno poderia ser visto pelos demais demonstrando seus talentos em áreas como música, desenho, teatro, charges, etc.;
- **Rir é o Melhor Remédio:** Coluna dedicada a piadas, geralmente com temática escolar, política, local, etc.;
- **Dica de Site:** Tinha o objetivo de indicar sites relacionados aos conteúdos históricos e, especificamente, sobre matérias que tratavam do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio;
- **Curiosidades da História:** Nessa coluna eram abordados temas curiosos ou cômicos da História;
- **Picos Ontem:** Aqui foram expostas imagens antigas da cidade para que os alunos pudessem perceber e refletir sobre as transformações ocorridas no seu espaço ao longo do tempo.

Complementam as seções do jornal as charges e tirinhas¹⁶. Essas linguagens¹⁷ tiveram um espaço particular dentro do jornal e sempre eram produzidas de acordo com o tema da matéria principal da edição. Avaliamos que além de estimular a leitura visual também faziam releituras do cotidiano em que procuravam unir o humor e a política, estimulando os alunos da educação básica a uma interpretação crítica a partir de uma arte acessível a todas as idades, mas sem desmerecimento do vigor político no tempo presente.

Paralelo ao jornal Cabeça de Cuia, também foi criado um blog¹⁸ que seria usado como uma extensão do jornal, pois era uma ferramenta capaz de agregar muito mais conteúdo do que o material impresso e também o blog poderia comportar tudo que não fosse possível ser

¹⁶ Algumas charges e tirinhas eram criadas pelo pibidiano da Área de História Francisco Edmar de Lima Ferreira.

¹⁷ De acordo com Marcos Silva: “Para o historiador, o humor visual aparece frequentemente como objeto digno de curiosidade, produtor de prazer e fascínio pela estranha força de suas sínteses críticas sobre diferentes assuntos. Dificilmente, todavia, ele ultrapassa a dimensão de ilustração, no sentido de imagem que acompanha e repete outra fonte, nas análises da vida social. [...] O desenho de humor opera com a colocação de valores e significações em crise, realizando deslizamentos na estruturação de tais valores e significações para desnudar algumas de suas dimensões ocultas. Ele é produzido a partir de uma lógica do prazer que tanto excita quando dociliza os corpos, numa escala variável de acordo com os projetos artísticos, culturais, políticos e outros sustentados por diferentes autores”. Cf. SILVA, Marcos Antônio da. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.6, n° 11, pp. 45-61, set. 1985/fev. 1996, p. 57-57.

¹⁸ Para acessar o blog consultar o link: <http://pibidnovahistoria.blogspot.com.br/>. Neste o internauta pode encontrar todas as edições do jornal Cabeça de Cuia, fotos das reuniões pedagógicas e das atividades nas unidades escolares, entrevistas, etc. O blog também possibilitava a permanência de produção e divulgação de conteúdos durante o período das férias escolares. Toda ambientação e alimentação dessa ferramenta era uma atividade realizada extremamente pelos pibidianos da Área de História, principalmente Francisco Edmar de Lima Ferreira.

editado, bem como abrigar por mais tempo os destaques importantes dos exemplares anteriores. Vejamos abaixo imagens das primeiras edições do jornal:

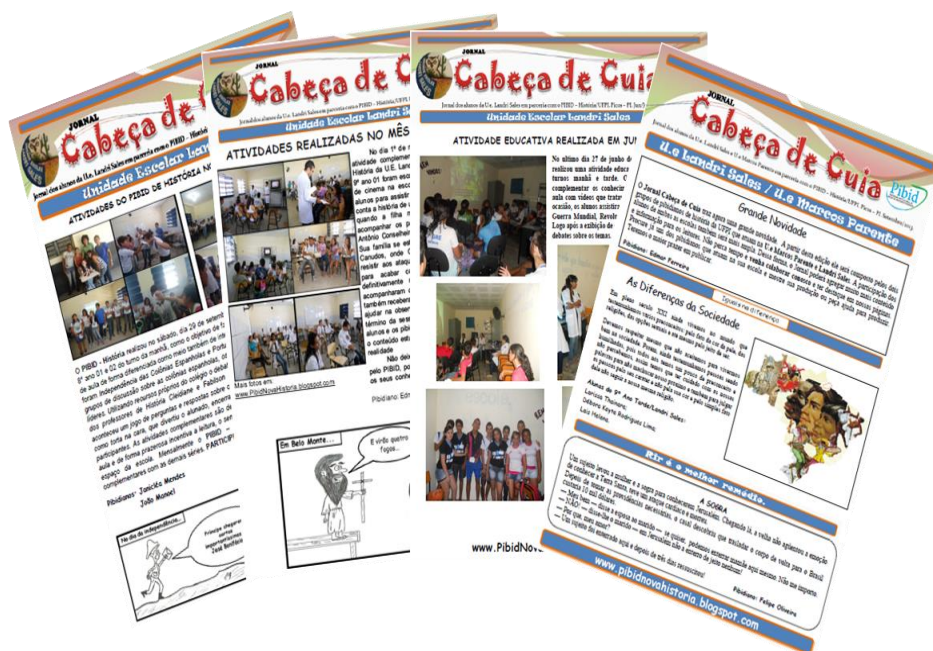


Imagem 01: Edições do Jornal Cabeça de Cuia.

Voltemos à questão do conteúdo do jornal. É fundamental frisarmos que priorizamos temas que, concomitantemente, estivessem sendo abordados nas aulas de História e que pudessem ser expostos nos jornais sua ampliação a fim de que os discentes fizessem uma releitura complementar das discussões. Também privilegiamos temas que se articulassem com a vida cotidiana dos alunos, sobretudo as questões voltadas para os problemas sociais e econômicos em destaque nos jornais de grande circulação do país. O mote é que pudéssemos diversificar as abordagens textuais e que a linguagem do jornal escolar pautasse uma agenda dialogada com o presente, mas:

(...) ele não pode ter um caráter de pura mídia dos alunos (uma vez que se perde de vista a especificidade da esfera jornalística, empobrecendo o conteúdo de linguagem a ser apreendido pelo aluno), mas também não pode se tornar um mero simulacro do jornal convencional (sob pena de se perder de vista a sua especificidade enunciativa escolar, o que lhe confere valor subjetivo do ponto de vista do aluno como sujeito autor).¹⁹

¹⁹BONINI, Adair. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011, p. 161-162.

Soma-se a estes termos o fato de priorizarmos o aluno como leitor e produtor do conhecimento. Assim, cada discente foi registrando suas ideias no papel e, posteriormente, foram se revertendo, ora como autores ora como leitores. A cada gênero textual produzido percebíamos uma independência intelectual e o jornal como espaço primordial para registro e socialização dessas aprendizagens e produção.

O objetivo central dessas seções foi oferecer aos alunos oportunidades de participação nas edições, mas também vislumbrar opções de leitura que as articulassem com as atividades escolares, os conteúdos discutidos em sala de aula e com a história local. Uma tarefa que não foi fácil e que exigiu do grupo de pibidianos ações diretas com os alunos da rede básica foi mobilizá-los e sensibilizá-los para a importância de participarem ativamente do jornal.

Após apresentar as seções e a estrutura do jornal passemos a falar dos ajustes da diagramação do layout do jornal Cabeça de Cuia²⁰ no qual foram utilizados diversos programas. A começar pelo *Power Point* para criar o cabeçalho, passando pelo *Word* e até mesmo o *Scribus*, programa específico para diagramar jornais. Foi possível consultar algumas instruções no Guia do jornal escolar do Programa Mais Educação que explica:

A diagramação do jornal consiste no ordenamento dos textos e desenhos, o uso de recursos como quadros, marcas d'água e retículas, a determinação do tipo e tamanho de letras utilizadas e do espaçamento entre linhas e parágrafos, entre outros itens. A diagramação determina a 'cara' com que o jornal se apresenta ao público. É, portanto, um aspecto muito importante. Essa tarefa é executada no computador²¹.

Para essa tarefa exigiu-se que os editores tivessem conhecimento prévio de informática e de computação gráfica, pois sem esse domínio dificilmente poderia ter transformado o jornal em um instrumento apresentável. Afinal, como hoje a tecnologia digital nos apresenta muitas possibilidades de manuseios e nos oferece *softwares* diversos, basta usarmos a criatividade e transformarmos o jornal em uma ferramenta riquíssima de matérias e deixar que o leitor também possa perceber a beleza do conhecimento no papel.

O cabeçalho e as outras seções que levam o nome das colunas do jornal foram elaborados no programa *Power Point* da Microsoft por oferecer uma gama de recursos úteis como fontes e enquadramento de imagens. O ideal seria que todas as páginas fossem construídas no mesmo programa. No entanto, o espaço oferecido não era o suficiente. Sendo assim, optou-se por usar o *Microsoft Word* para dar continuidade às edições.

²⁰ Algumas dicas de confecção e editoração foram acessadas do site Comunicação e Cultura. Guia do jornal escolar no Programa Mais Educação. Disponível em: <http://www.jornalescolar.org.br/>.

²¹ RAVIOLO, Daniel. **Guia do jornal escolar no Programa Mais Educação**. Fortaleza, 2010, p. 31. Disponível em: <<http://comcultura.org.br/wp-content/uploads/2010/04/guia-do-jornal-escolar-versaoweb.pdf>>. Acesso em 10/03/2016.



Imagem 02: Cabeçalho do Jornal Cabeça de Cuia desenvolvido no programa de computador *Power Point*.

Como vemos, o *layout* ficou atraente e com aspectos que procurava instigar os leitores a folheá-los e a decifrá-los nas entrelinhas. Com a primeira edição finalizada, o jornal precisava ser compartilhado também pela internet. Para isso, foi convertido o arquivo no formato *Word* para PDF. Com o intuito de evitar esse trabalho a cada nova edição, buscamos um programa de diagramação profissional. Após avaliar os inúmeros softwares decidimos optar pelo Scribus porque nos pareceu ser o mais acessível, pois além de se manter em português podíamos salvar as edições no formato PDF- Portable Document Format²². Destacam-se também os softwares InkScape, Lyx e o Libre Office Day.

Importante enfatizar que após experimentarmos a montagem do jornal no Scribus fomos testar a formatação no Office MS Word²³ porque este está disponível na maioria dos computadores e com isso evitaríamos baixar outros programas que além de sobrecarregar a memória do computador também precisaríamos de internet para tal ação. Nas versões atuais o Office MS Word tem mais opções que o Scribus na questão da computação gráfica e de recursos para o tratamento de imagens e também nos permitia salvar os arquivos em PDF. A preferência pelo arquivo no formato PDF se deu por ele não permitir que sejam feitas alterações no conteúdo das páginas e também fica mais fácil manusearmos os arquivos em pen-drives e hospedarmos em sites, blogs ou fazermos compartilhamento nas redes sociais.

A produção de textos no jornal e a autonomia intelectual dos alunos

²² *Portable Document Format* (Formato Portátil de Documento), um formato de arquivo criado pela empresa Adobe Systems para que qualquer documento seja visualizado, independente de qual tenha sido o programa que o originou.

²³ É um software de processamento de textos produzido pela empresa Microsoft.

Numa perspectiva freireana fomos conduzindo o jornal para oportunizar aos alunos a produção de textos a partir da realidade social que lhes cerca. Tomando como base uma interpretação do passado a partir do presente, sempre pautamos nas discussões com os alunos uma perspectiva de que os olhares estivessem voltados para a contemporaneidade, da prática social. De forma que fosse interpretado o mundo social a partir do “ato de estudar” em sala de aula e das tarefas de casa, mas, principalmente, que os alunos tomassem o cotidiano como um mosaico em que a tarefa imputada encontrava-se na sua decifração e da percepção de que as lutas sociais são travadas politicamente a partir da insatisfação de projetos homogeneizadores. Para Paulo Freire,

O ato de estudar, de caráter social e não apenas individual, se dá aí também, independentemente de estarem seus sujeitos conscientes disto ou não. No fundo, o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem²⁴.

Assim, o registro escrito dos alunos e a participação destes na confecção dos jornais, ajuda-os a se perceberem como “sujeitos conscientes” e de “seres fazedores, transformadores” do mundo social em que vivem. Além disso, auxilia-os também a incorporarem a vida escolar a uma “disciplina intelectual”²⁵.

Durante o tempo de produção de edição do jornal víamos com apreço o zelo que tinham os discentes ao perceberem que seus textos tinham sido publicados no jornal. O entusiasmo se consolidava porque tinham a certeza que seus pares iam ler sua produção textual e esse ato tornavam-nos reconhecidos pelos membros da escola. Ademais, esse prestígio e visibilidade tornava-os protagonistas dentro da instituição. Esse reconhecimento se alinhou com os propósitos iniciais desse trabalho cujo protagonismo desencadeou nos outros alunos o interesse de também serem autores.

Dessa forma, o jornal constituiu-se como uma ferramenta de incentivo à leitura e produção de textos, trazendo para o ambiente escolar a reivindicação dos alunos para a escrita em que pôs em contradição uma discussão ainda muito presente nas escolas, a de que os alunos odeiam escrever. Neste caso, os trabalhos produzidos revelaram que

Escrever no jornal escolar é uma experiência de vida para a criança, um fator de estímulo e motivação que abre um caminho direto para a mobilização interior necessária ao aprendizado. Suas opiniões e produções são valorizadas pela circulação na escola, na família e na comunidade. Escrever passa a ter significado

²⁴ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1986. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v.4), p. 34

²⁵ Idem, p. 12.

pessoal e social²⁶.

Noutra citação, a tese de Marcos Antonio Rocha Baltar, ao procurar interpretar, “A competência discursiva através dos gêneros textuais”, analisou que a produção dos jornais em escolas públicas de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, ganhou forma notória e se popularizou no interior das instituições escolares. Nas suas pesquisas este autor identificou a importância do envolvimento dos alunos em trabalhos coletivos em que ponderou:

O aspecto da participação de um coletivo é motivacional na formação dos alunos e está presente neste tipo de atividade. Trabalhar engajado num projeto funciona como que se a classe assumisse um contrato de empreendimento e soubesse que precisará executá-lo para depois socializá-lo, ou seja, mostrá-lo fora da sala de aula e ou até mesmo fora da escola, quando possível e dependendo da característica da atividade. Assim, a heterogeneidade da turma conta como um fator de vantagem, como um enriquecimento ao produto final, pois cada aluno colocará à disposição do projeto um pouco de sua experiência, segundo a atividade que lhe foi destinada pela coordenação dos trabalhos. Os papéis e as responsabilidades podem ser alterados para que todos somem saberes e aprendizagens aos conhecimentos iniciais²⁷.

Como se vê, as atividades de projetos que tomam o jornal como instrumento de incentivo à leitura e escrita além de um “trabalho engajado” na escola e fora da sala de aula, têm a capacidade de estimular o desenvolvimento e aquisição da competência da língua escrita em que “saberes e aprendizagens” são compartilhados e o que antes ficava restrito apenas às tarefas escolares, que sempre atrela a escrita a uma nota mensal ou bimestral, no jornal a produção de textos se enraíza de forma autônoma e exime os alunos das avaliações formativas e excludentes, cujo objetivo central é hierarquizá-lo por uma nota decimal de zero a dez. Vejamos abaixo duas publicações que selecionamos para avaliarmos os temas e a forma de produção dos alunos. Nos textos destacam-se alunos tanto do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), quanto do Ensino Médio.

²⁶ RAVIOLO, Daniel. Op. Cit, p. 08.

²⁷ BALTAR, Marcos Antonio Rocha. **A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

As Diferenças da Sociedade

Em pleno século XXI ainda vivemos no mundo que testemunhamos vários preconceitos: pelo fato da cor da pele, das religiões, das opções sexuais e até mesmo pelo jeito de ser.

Devemos respeitar mesmo que não aceitemos para vivermos bem na sociedade. Porém, ainda testemunhamos pessoas sendo humilhadas, pois todos nós temos um pouco de preconceito e não percebemos, assim temos que ter cuidado com as nossas palavras para não machucar nosso próximo e também para julgar as pessoas pelo seu caráter e não pela sua cor e pelo simples fato dele não seguir a nossa mesma religião.

Alunas do 9º Ano Tarde/Landri Sales:

Larissa Thainara;

Débora Keyte Rodrigues Lima;

Lais Helena.

Imagem 03: Edições do Jornal Cabeça de Cuia nº 02.

Acima lemos um texto publicado por três alunas no 9º ano. O texto é mais longo e para este artigo decidimos fragmentá-lo pela sua extensão. No entanto, o que nos importa é interpretar o escrito e a sua dimensão de crítica exposta na narrativa. O tema escolhido pelas alunas foi o “preconceito” que, embora citado de forma generalizada, expõe as questões relacionadas à “cor da pele”, das “opções sexuais” e das “religiões”. Embora não aprofunde, e pelo espaço do jornal nem era possível, as alunas introduzem para os demais leitores uma problemática que presenciaram no cotidiano da escola e nas demais relações sociais.

No entanto, o fato mais instigante é de como as alunas contextualizaram as “diferenças da sociedade”. Essa questão, tão difundida pelas redes sociais, mas pouco interpretada e colocada em prática, no jornal escolar ganhou notabilidade e sensibilizou os discentes para esses ataques sociais relacionados aos atos preconceituosos que se fazem presentes, principalmente nas classes mais abastadas.

Soma-se também a essa interpretação crítica da sociedade a noção de tempo presente que é registrado quando as autoras chamam o leitor para se ativer a essas problemáticas em pleno século XXI. Essas interpretações são méritos dos professores em sala de aula e que agora, avaliamos, são transpostas em um texto muito instigante. Afinal, é no recinto da sala de aula que os docentes explicitam para seus alunos essa noção de tempo, pois, por excelência, “a história [é] a disciplina encarregada de situar o aluno diante das permanências e das rupturas das sociedades e de sua atuação enquanto agente histórico”.²⁸

Aqui é importante registrar também que as alunas pautaram um debate

²⁸ NADAI, Elza & BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. In.: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de história e a criação do fato**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000 (Coleção Repensando o Ensino), p. 75.

expressivamente, mediante a noção de tempo histórico²⁹, sobre os procedimentos históricos do que fazer do historiador e trouxeram à tona reflexões sobre o sujeito na história e de suas formas de ação para mudá-la. Por esse viés, as alunas fogem da história vista como espelho em que tomam os grandes homens e seus feitos históricos como discursos homogêneos que, em pleno século XXI, ainda rondam as narrativas dos professores em sala de aula, inclusive, muitas vezes, apropriando-se do livro didático como a única ferramenta de interpretação. Por outro lado, essa visão distancia os alunos da vida real ao qual tanto eles reivindicam e questionam: por que a História se encontra sempre tão distante de suas experiências cotidianas? Nessa questão, as autoras do livro “O ensino de História: uma revisão urgente”, nos atenta para percebermos que:

Essa história, que excluía realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da história por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo... Essa história torna ‘natural’ o fato de o aluno não se ver como um agente histórico, torna-o incapaz de colocar questões ou de perceber os conhecimentos que, a partir de suas experiências individuais, possam ser base de discussão em sala de aula. É o famoso divórcio entre a escola e a vida e que expressa a grande despolitização do ensino³⁰.

Na citação acima podemos perceber que se trata de uma proposta, a de valorizar as experiências dos alunos, que rompe com o atual currículo que se encontra nas escolas básicas. É bem verdade que os instrumentos que se aproximam dessa sugestão são os Parâmetros Curriculares Nacionais quando, na área de História e Ciências Humanas³¹, apontam como eixo problematizador de argumentos em sala de aula a questão da cultura, memória, patrimônio, pluralidade, os direitos humanos e de cidadania. Enfim, são temas que quando aparecem nos livros didáticos são quase que imperceptíveis e para que seja evidenciado

²⁹ Importante citarmos, a título de referência, as reflexões dos autores Ribeiro e Marques quando explicitam para os professores das séries iniciais a problemática da noção de tempo na educação infantil. Segundo esses autores: “Devido ao seu grau de abstração, recomenda-se que o tempo seja trabalhado com as crianças a partir de sua regularidade cíclica (acontecimentos da semana, mês, ano, década, século...), possibilitando a sucessão contínua e infinita do tempo e a ação do homem diante do mesmo. De início, devem ser registrados os acontecimentos pessoais, da família ou da escola, diários ou semanais e, ao longo, do ano deve ser apresentado o contínuo do tempo através de festas como Carnaval, Semana Santa, Festas Juninas, Semana da Criança, da Mulher, do Negro e do Natal, utilizando os recursos disponíveis como linha de tempo, agenda, calendário, etc.”. Cf. RIBEIRO, Luís Távora Furtado & MARQUES, Marcelo Santos. **Ensino de História e Geografia**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001. (Coleção para professores nas séries iniciais; v. 1), p. 80

³⁰ CABRINI, Conceição (et alii.) **O ensino de história: revisão urgente**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 21-22.

³¹ É importante registrar que ao abordar as questões da cultura, memória e as demais categorias de análises esses documentos são rasteiros no concernente as problemáticas de contextualização e da construção crítica dos alunos perante as diversidades da historiografia. No entanto, são pontos importantes e que devemos tomá-los como fontes. Para conferir essas discussões consultar: **BRASIL**. Parâmetros curriculares nacionais: História: Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997; **BRASIL**. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

dependerá da ação didática do professor para trazê-los à tona e discutir com os alunos.

Sabemos que enfrentar essas questões, enquanto professores, não são tarefas fáceis, mas também não podemos ficar à mercê de um ensino passivo, sobretudo quando hoje vivemos num mundo em que as relações são efêmeras e que o compromisso com o passado quase inexistente. No entanto, foi possível perceber o incentivo que o jornal Cabeça de Cuia promoveu nos alunos ao procurarem sempre em seus textos articular o passado com presente. Vejamos essa outra publicação.

Escravidão o Brasil

A escravidão no Brasil é marcada principalmente pela exploração de mão de obra dos negros trazidos da África e transformados em escravos no Brasil pelos europeus.

Muito indígenas também foram vítimas desse processo. A escravidão indígena foi abolida oficialmente, no final do século XVIII. Porém os escravos africanos foram os que mais contribuíram com seu trabalho para o desenvolvimento das colônias, sendo utilizados para diversos trabalhos, principalmente na agricultura, com destaque para a atividade açucareira e para a mineração, trabalharam também nas lavouras de café, tabaco e algodão, nos campos de arroz, na indústria da construção, corte de madeiras e como empregadas domésticas, sendo assim, essenciais para a manutenção da economia.

Ao longo dos anos foram sendo criadas leis que garantiriam direitos aos escravos. Em 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz o tráfico negreiro chegou ao fim. Em 1871 era aprovado a Lei do Ventre Livre que dava a liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquela data. E no ano de 1885 era promulgada a Lei dos Sexagenários que garantia a liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade e somente no final do século XIX é que a escravidão foi mundialmente proibida. Aqui no Brasil, sua abolição se deu em 13 de maio de 1888 com a promulgação da Lei Áurea, feita pela princesa Isabel.

(Maria Brenda Silva Leal - Aluna do 2º ano da Unidade Escolar Landri Sales)

Imagem 04: Edições do Jornal Cabeça de Cuia nº 03.

Neste texto a aluna toma a questão da escravidão como debate e une-a com a indígena.

Esse *insight* traz uma perspectiva histórica tão importante para discussão em sala de aula que é o tema da escravidão indígena e as legislações da escravidão negra, cujas leis procuravam mais salvaguardar o trabalho escravo que extingui-lo. Este texto se aproxima do anterior, não foca o “preconceito”, mas pauta um tema social que hoje é discutível na sociedade contemporânea³² em que se busca a liberdade do trabalho escravo e da especulação capitalista. Segundo Adalberto Marson,

Os temas da igualdade e da liberdade afluíram, neste passo, como questões permanentes no confronto com as formas de dominação enfiadas nos meandros do corpo social. Não é por menos que continuam atuais as propostas socialistas amadurecidas no século XIX que já se contrapunham a ordem burguesa explorando os instrumentos teóricos e as contradições instituídas por esta mesma ordem³³.

Essa premissa nos leva a várias discussões sobre a classe burguesa e suas teorias, mas não é objeto central deste texto. Também não estamos nos eximindo, apenas resta-nos pouco espaço dentro desse artigo para dedicar tal importância ao tema que foi suscitado por uma aluna do Ensino Fundamental II. O que nos importa é analisar o nível de produção e argumentação dos textos que foram publicados nos jornais e como estes textos se tornaram potencializadores de histórias e memórias no interior das escolas. Neste sentido, a participação dos alunos no jornal Cabeça de Cuia, ajudou-os no treinamento da produção textual, dando-lhes autonomia e competência para argumentar e expor suas ideias.

Ao utilizar essa estratégia o professor não estará se distanciando das orientações oficiais de ensino. Ao contrário, essas experiências são defendidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, cujo tema é tratado pelo viés do ensino e da natureza da linguagem como instrumentos eficazes no incentivo dos alunos e que possam os discentes experimentá-los através de projetos diversos:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania³⁴.

Portanto, o jornal teve esse objetivo fundamental: exercitar nos alunos o “domínio da

³² Cf. SOARES, F. S; FERRERAS, N. O. Por um Outro Conceito de Escravidão Contemporânea Reflexões Historiográficas Acerca dos Conceitos. In.: **Revista FSA**, Teresina, v.13, n.4, art.9, p. 160-186, jul./ago. 2016.

³³ MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In.: SILVA, Marcos Antonio da (Org.). **Repensando a História**. 5. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1994, p 46.

³⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 19.

linguagem”, mas, principalmente, ao se apropriar da linguagem, de fazê-los se perceberem como sujeitos capazes de compreenderem suas ações na “plena participação social” e, a partir das complexas e contraditórias relações sociais, produzirem “visões de mundo” e que também observassem a (s) “cultura (s)” como espaço para a luta e de construção para a cidadania. Assim, a escola é por excelência o lugar para garantir aos alunos a produção dos “saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania” em que vai se estabelecendo por meio da escrita e se fortalecendo, metodologicamente, por meio do letramento³⁵.

Concluindo, a produção do jornal Cabeça de Cuia durante a atuação no PIBID foi de extrema importância para divulgarmos a atuação do programa no interior das escolas e na Universidade. Aliás, esse programa foi oportuno para aproximar professores e alunos de ambas as instituições em que as aprendizagens foram múltiplas e contínuas. Por outro lado, serviu especialmente para despertar a consciência daqueles que atuaram na produção de textos, no incentivo à leitura e na formação de líderes estudantis.

Durante as edições do jornal fomos percebendo as dimensões de aprendizagens que essa ação estava proporcionando aos discentes. Logo, a participação dos alunos não se tratava apenas de um mero pretexto da coletividade ou da produção de textos simplistas, apolíticos; nem muito menos de escrevê-los para si ou para uma ou duas pessoas terem acesso à leitura. Seus textos transbordaram ponderações históricas repletas de análises críticas, cujas interpretações tornaram-se impossíveis de serem restritas apenas a uma reflexão autoral entre seus pares, pois o que acompanhamos foi uma multiplicação de interlocutores que foram, no decorrer das edições do jornal, tornando-se também autores.

Diante das diversas formas de aprendizagens, além do diálogo e da troca de experiências entre os alunos, uma ferramenta que apareceu como instrumento determinante e que exigiu dos grupos participantes domínio e aperfeiçoamento contínuo foi o uso de computadores e da internet. Essa adaptação foi necessária pelo fato de que era imprescindível ampliar o acesso ao jornal a mais leitores, pois apenas o material impresso limitava o alcance dessa produção. Assim, a rede de internet nos permitiu uma abrangência ilimitada e os

³⁵ Entende-se: “Letramento é pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. Como são muito variados os usos sociais da escrita e as competências a eles associadas (de ler um bilhete simples a escrever um romance), é frequente levar em consideração níveis de letramento (dos mais elementares aos mais complexos). Tendo em vista as diferentes funções (para se distrair, para se informar e se posicionar, por exemplo) e as formas pelas quais as pessoas têm acesso à língua escrita – com ampla autonomia, com ajuda do professor ou da professora, ou mesmo por meio de alguém que escreve, por exemplo, cartas ditadas por analfabetos –, a literatura a respeito assume ainda a existência de tipos de letramento ou de letramentos, no plural”. Cf. **BRASIL**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pró-letramento**: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: MEC/SEB, 2007, p. 11.

conteúdos divulgados de forma mais rápida nos auxiliou para aproximar autores, leitores e promover uma interlocução pujante que resultou num exercício para a construção intelectual dos alunos e da capacidade de criar e repensar o uso das linguagens como forma de comunicação e de crítica social.

Todavia, apesar de não termos atingido os resultados esperados em relação à demanda de participação dos alunos na primeira fase de atuação, a experiência não deixou de ser válida. Isso serviu para mudar a estratégia na confecção dos demais jornais e perceber a necessidade de fazermos rodízios entre alunos, responsabilizando-os por tarefas diversas como forma de disciplinamento e de aprendizagem.

Destarte, o propósito desse projeto foi atingindo, pois acreditamos que a produção do jornal contribuiu para a construção de sujeitos críticos e atuantes na sociedade em que vivem. Com isso, não estamos querendo eleger o jornal como um único modelo de ação pedagógica a ser implantado nas escolas, mas apresentamos uma possibilidade, um gênero discursivo capaz de desconstruir mitos, mas também de ratificá-los.

BIBLIOGRAFIA

BALTAR, Marcos Antônio Rocha. **A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

BONINI, Adair. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pró-letramento:** programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: MEC/SEB, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: História: Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRINI, Conceição (et alii.) **O ensino de história: revisão urgente.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1986. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v.4).

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências**: roteiro de viagem. Bauru: EDUSC; Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2005.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. A lenda do Cabeça-de-Cuia: estrutura narrativa e formação do sentido. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 7, n. 1, p. 151-160, jan./jun. 2011

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In.: SILVA, Marcos Antonio da (Org.). **Repensando a História**. 5. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1994.

MATTOS, Ilmar. R. Mas não somente assim! Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de história. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 5-16, jul./dez. 2006.

NADAI, Elza; BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. In.: PINSKY, Jaime (Org.). O ensino de história e a criação do fato. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000 (Coleção Repensando o Ensino).

RAVILOLO, Daniel. **Guia do jornal escolar no Programa Mais Educação**. Fortaleza, 2010. Disponível em: <<http://comcultura.org.br/wp-content/uploads/2010/04/guia-do-jornal-escolar-versaoweb.pdf>>. Acesso em 10/03/2016.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado & MARQUES, Marcelo Santos. **Ensino de História e Geografia**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001. (Coleção para professores nas séries iniciais; v. 1)

SILVA, Anderson Lopes da; KRAUSS, Regina. **O Jornal Escolar como Campo de Estudo da Educomunicação**: A Experiência Pedagógica do Jornal Educativo e do Notícias Escolares. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-krauss-o-jornal-escolar-como-campo-de-estudo-da-educocomunicacao.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2016.

SOARES, F. S.; FERRERAS, N. O. Por um Outro Conceito de Escravidão Contemporânea Reflexões Historiográficas acerca dos Conceitos. **Revista FSA**, Teresina, v.13, n.4, p. 160-186, jul./ago. 2016.